

**SOB OS OLHARES DE JOEL RUFINO E LIMA BARRETO:
REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM,
MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Flora de Jesus (UNIGRANRIO)

florjesus40@yahoo.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

O presente artigo reflete sobre aspectos relativos à linguagem, à memória e à(s) identidade(s) na obra ficcional de Joel Rufino dos Santos, sem deixar de destacar seu papel como historiador e intelectual preocupado com a cultura brasileira, com ênfase na herança cultural africana. Estas reflexões buscam pôr em diálogo aspectos de sua obra com a de Lima Barreto, que também se dedicou a refletir sobre as questões aqui mencionadas e em especial a questão racial tão forte em suas narrativas. Em Rufino, percebe-se a recorrência, em suas obras, de noções como “poder simbólico”, “África”, “povo brasileiro”, “cultura”, “senso comum”, “literatura”, dentre outras. Propor um diálogo - ainda que incipiente e panorâmico - entre as obras desses dois autores, significa, muito mais que apenas refletir acerca da linguagem, da memória e das identidades, na contemporaneidade – em um momento marcado, como afirma Stuart Hall, por diásporas identitárias. Significa elevar Rufino ao patamar hoje conquistado por Lima Barreto. Acima de tudo, essas reflexões se apresentam como importante oportunidade de pensar no que permanece na memória coletiva, em meio à fluidez da “vida líquida” e do “mal estar na pós-modernidade”, lembrando aqui de duas importantes obras de Zygmunt Bauman. Posto assim, através de interrogações sobre o papel do intelectual no Brasil e sobre a função da literatura, Rufino dos Santos convida a nós, educadores, a levantar a bandeira da literatura questionadora, combativa e desmistificante como o fez Lima Barreto em sua busca identitária.